

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PÓS GRADUAÇÃO INTERUNIDADES EM ESTÉTICA E HISTÓRIA DA ARTE
TEORIA E METODOLOGIA EM HISTÓRIA DA ARTE

What Do Pictures Want?

W. J. T. Mitchell

(Capítulos 2, 15 e 16)

Luana Bonfá

São Paulo/2017

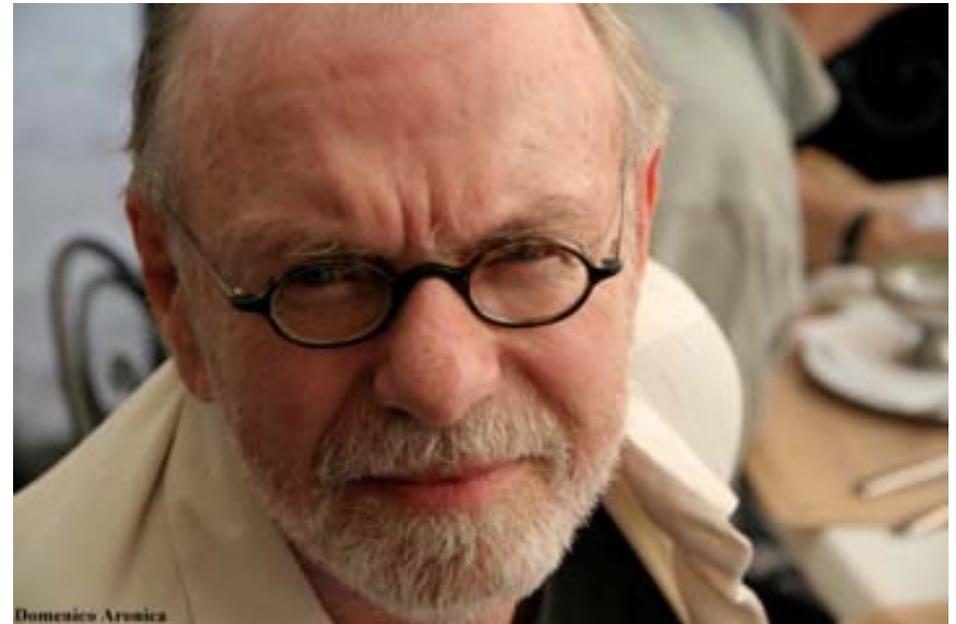
William John Thomas Mitchell

(1942)

- Professor de História da Arte na Universidade de Chicago
- Redator no *Critical Inquiry* desde 1978

Algumas publicações:

- *Iconology: Image, Text and Ideology* (1986)
- *Picture Theory* (1994)
 - prêmio College Art Association's Charles Morey (1996)
 - prêmio Gordon E. Lang
- *What Do Pictures Want? The lives and loves of images* (2005)
 - prêmio James Russel Lowell



What Do Pictures Want?

The lives and loves of images

2005

University of Chicago Press

picture: a painting, a drawing, a photograph, a portrait, an image on a television screen, a cinema film; an impression of something formed from a description.

image: a representation of the external form of a person or thing in art; a visible impression obtained by a camera, telescope, microscope, or other device, or displayed on a computer or video screen; an optical appearance or counterpart produced by light from an object reflected in a mirror or refracted through a lens; a mental representation or idea; (in biblical use) an idol.

(oxford dictionary)

What do pictures want?

- As questões dominantes na produção teórica acerca da cultura visual e da história da arte são interpretativas e retóricas. Buscam na imagem o que ela significa e o que faz. Quando a questão do desejo é levantada, se volta às vontades de produtores e consumidores de imagens.
- **“I'd like to shift the location of desire to images themselves, and ask what pictures want”** (MITCHELL, 2005, p.28)
(Gostaria de deslocar a posição do desejo para as próprias imagens e perguntar a elas o que querem)

Karl Marx

Sigmund Freud

Jacques Lacan

Erwin Panofsky

Frantz Fanon

Michael Fried

Marx e Freud: uma ciência moderna de questões sociais e psicológicas tem de lidar com o fetichismo, o animismo, a subjetividade dos objetos, a personalizações das coisas; detalhar o processo pelo qual a vida dos objetos é produzida na experiência humana

Visão não patológica da personalização

Enxergar as imagens como “objetos animados”:

- * Transferência de questões e características pessoais é inerente ao ser humano
- * Características humanas atribuídas a objetos inanimados perpassam narrativas literárias e cinematográficas
- * O historiador de arte parece agir como se as imagens tivessem sentimentos, vontades, consciência, desejos.
- * As imagens parecem assumir rumos inesperados, como se tivessem vida própria (publicidade, images “have legs”)
- * O ícone, objeto de adoração

“The idea that images have a kind of social or psychological power of their own is, in fact, the reigning cliché of contemporary visual culture” (MITCHELL, 2005, p.32)

(A ideia de que as imagens possuem uma espécie de poder social ou psicológico próprio é, na verdade, o clichê imperante na cultura visual contemporânea)

- Tendência a expor as imagens como meios de manipulação – o que não é mentiroso, mas insatisfatório
- O tratamento de imagens como se elas tivessem poder de ação seria uma comprovação da nossa propensão a personalizá-las?
- **“Images are certainly not powerless, but they may be a lot weaker than we think. [...] That’s why I shifte the questions from what pictures *do* to what they *want*, from the model of the dominant power to be opposed, to the model of the subaltern to be interrogated or (better) to be invited to speak. If the power of images is like the power of the weak, that may be why their desire is correspondingly strong: to make up for their actual impotence”** (MITCHELL, 2005, p.33-34)

Imagens certamente não são impotentes, mas eles talvez sejam muito mais fracas do que podemos imaginar. [...] por isso desloco a questão do que as imagens *fazem* para o que elas *querem*, do modelo dominante a ser contestado, ao modelo do subalterno a ser interrogado ou, melhor ainda, a ser convidado a falar. Se o poder das imagens é como o poder dos mais fracos, talvez seja a razão de seu desejo ser proporcionalmente mais forte: para compensar sua real impotência

- Aproximação das imagens de minorias e de uma ideia de subalternidade

- Michael Fried: a pintura quer atrair e exercer um tipo de poder sobre o espectador
- O que as imagens querem? O que lhes falta: poder.
"The power they want is manifested as lack, not as possession"
(O poder que querem é manifestado como ausência/falta e não como posse)
- Olhar as imagens não como veículos de comunicação ou instrumentos de poder. É preciso perguntar o que a imagem quer em termos de ausência, do que lhe falta.
- O desejo parece mais evidente em imagens "vulgares". Quanto ao trabalho de arte, "a emergência da arte moderna deve ser entendida em termos de negação ou renúncia do desejo" (retomando Michael Fried).

"The very special sort of pictures that enthrall him get what they want by seeming not to want anything, by pretending that they have everything they need"

(MITCHELL,2005,p.42)

(O tipo muito peculiar de imagem que capta sua atenção [de Fried] é aquele que consegue o que quer aparentando não querer nada, fingindo já possuir tudo que precisa.)

- Pinturas abstratas são imagens/figuras que não o querem ser. Mas o vontade de não demonstrar desejo é também uma forma de desejo

James Montgomery Flagg
Uncle Sam, World War I

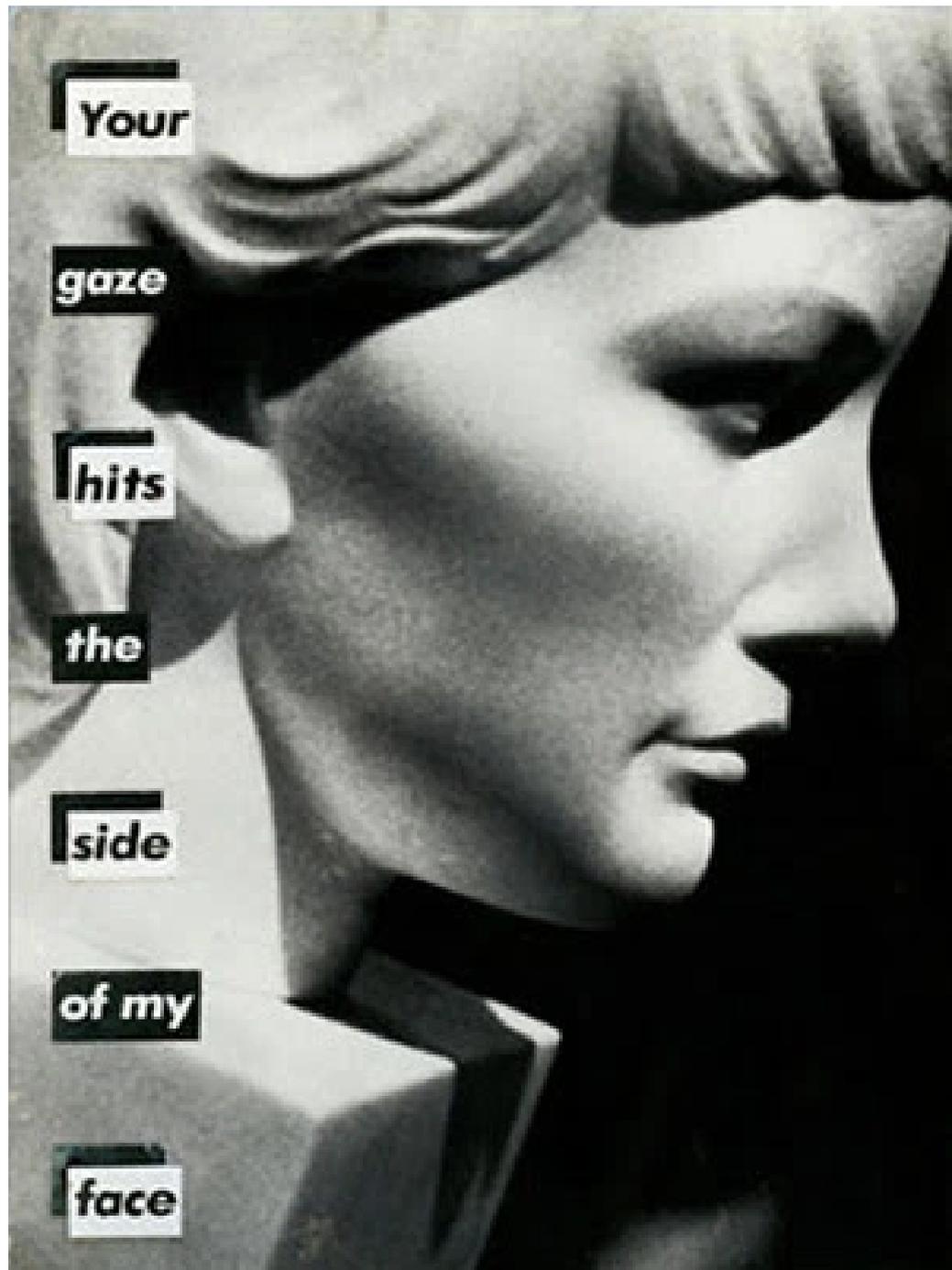


**I WANT YOU
FOR U.S. ARMY**

NEAREST RECRUITING STATION

Théodore Géricault
A Balsa da Medusa, 1819





Barbara Kruger
Untitled (Your gaze hits the side of my face),
1981

- Ainda usa procedimentos da semiótica, hermenêutica e retórica. Perguntar o que as imagens querem não elimina a interpretação de signos. Sugere apenas um deslocamento sutil do alvo de interpretação.
- É preciso reconhecer (1) o caráter ficcional das imagens como seres animados, falsas pessoas (2) caráter subalterno da imagem, marcada pelo estigma da diferença e vistas como bode expiatório no campo social da cultura visual
- Há uma vontade de “atualizar” a história da arte e incluir estudos sobre cinema e cultura de massa; de transformar a “história da arte” em “história das imagens”
- **“Vision is as important as language in mediating social relations, and it is not reducible to language, to the “sign”, or to discourse. Pictures want equal rights with language, not to be turned into language. They want neither to be leveled into “history of images” nor elevated into a “history of art”, but to be seen as complex individuals occupying subject positions and identities” (MITCHELL, 2005, p.47)**

A visão é tão importante quanto a linguagem na mediação das relações sociais, e não pode ser reduzida a língua, ao signo ou ao discurso. As imagens querem direitos iguais aos da língua, e não se tornarem uma. Eles não querem ser elevadas à “história das imagens” ou à “história da arte”, mas serem entendidas como indivíduos complexos ocupando posições e identidades múltiplas.

The Work of Art in the Age of Biocybernetic Reproduction

- **Walter Benjamin “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”**

Cybernetics: disciplina, controle. “Todo o campo de controle e comunicação teórica, esteja ele em uma máquina ou um animal” (Norbert Wiener)

Bios: a esfera de organismos vivos que estarão sujeitos ao controle, mas que de alguma forma resistem a ele

- Biocybernetic reproduction: a combinação da tecnologia computacional que torna possível clonagem e engenharia genética; **os novos meios de comunicação e estruturas da economia política que estão transformando as condições dos organismos vivos no planeta.**
- **“I will state it as a bald proposition, then, that biocybernetic reproduction has replaced Walter Benjamin's mechanical reproduction as the fundamental technical determination of our age”**
(Eu enunciarei uma sugestão rasa, então, de que a reprodução biocibernética substituiu a reprodução mecânica de Walter Benjamin como a delimitação técnica fundamental da nossa era)

- Mechanical reproduction – fotografia, cinema – processo industrial – modernidade
Biocybernetic reproduction – computadores de alta velocidade, vídeo, imagem digital, realidade virtual, Internet – industrialização da engenharia genética – pós-modernidade

(1) A cópia não é mais uma reprodução decadente e inferior do seu original (perda da aura), mas um princípio de melhora do original

Se aura for entendida como a vitalidade original, o primeiro “sopro” de vida, então a cópia digitalizada pode chegar mais perto de se assimilar com o original – restauração/limpeza das marcas do tempo da imagem.

A ideia de produzir não apenas uma cópia, mas uma cópia melhorada.

(2) A relação entre o artista e o trabalho, é tão mais distante a mais íntima que qualquer coisa no meio da reprodução mecânica

Benjamin: “O cirurgião está no polo oposto ao do mágico” (cirurgião – cinegrafista; mágico – pintor).

Mitchell: Cinegrafista é substituído pelo designer de espaços virtuais e o cirurgião adota novas técnicas, realiza cirurgias remotas.

O cyber artista opera simultaneamente em uma relação próxima e distante com o real. Stelarc: a materialidade do trabalho é o próprio corpo do artista.



Stelarc
Terceiro braço, 1982

(3) Uma nova temporalidade produz a sensação peculiar de aceleração e estagnação

Vivemos em um tempo que pode ser descrito como um limbo de expectativas e ansiedades continuamente adiadas. Tudo parece estar prestes a acontecer, ou talvez já tenha acontecido sem termos notado.

- Capacidade do capitalismo de engendrar tudo: empresas de biotecnologia; de plantas ao DNA humano, tudo sob direitos autorais. As empresas de biotecnologia são também formas de vida biocibernéticas, organismos que deveriam destruir e devorar seus inimigos para garantir sua própria sobrevivência
- “É mais fácil imaginar o fim da humanidade do que o fim do capitalismo” (JAMESON apud MITCHELL, 2005, p.325)
- Artistas mencionados:
 - .Janet Zweig
 - Bryan Crockett
 - Eduardo Kac
 - Larry Miller

Rtmark: *Biotaylorism 2000*

Apresentação das oportunidades e dos riscos de parcerias corporativas entre empresas de biotecnologia que estão “explorando o Terceiro Mundo e o interior dos corpos em busca de genes valiosos”. Retoma racionalização do processo e da organização de trabalho industrial (Taylorism).

Se insere na cultura corporativa de biotecnologia como um vírus.

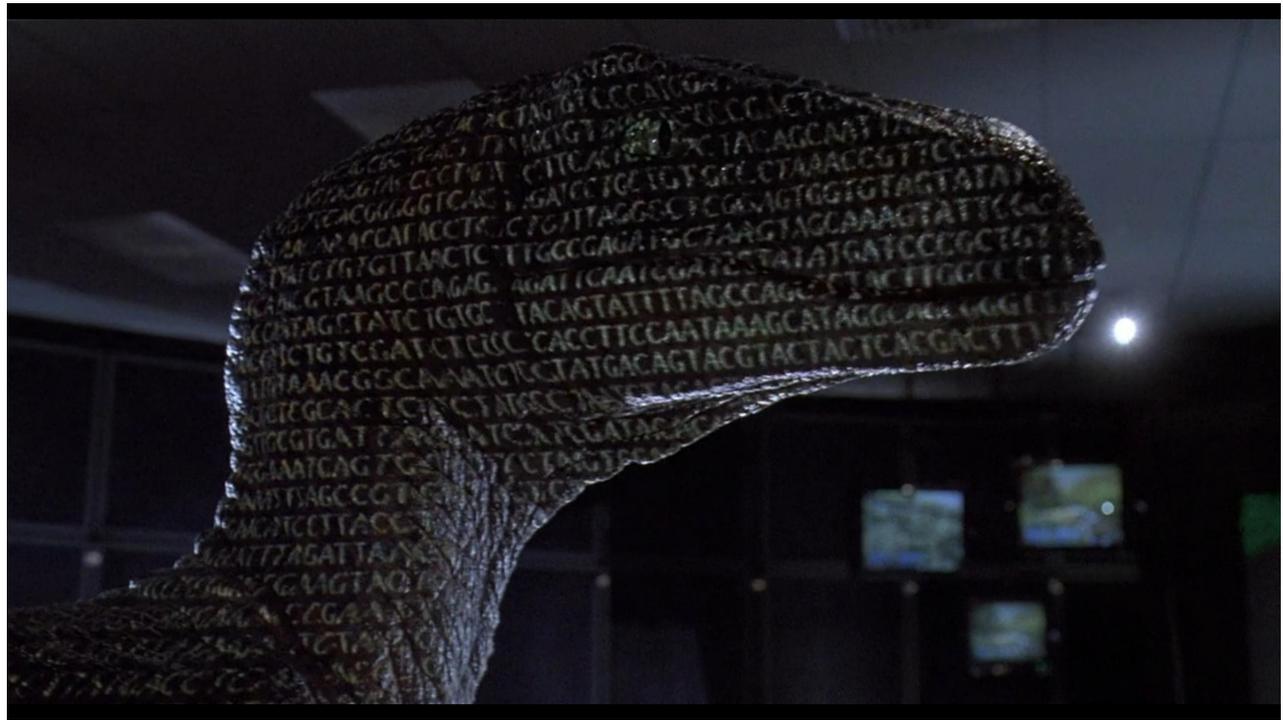


Damien Hirst, Love Lost
1999



Antony Gormley, Sovereign state (Estado absoluto)
1989

Velociraptor.
Jurassic Park (Dir. Steven
Spilberg, 1993)



O sonho da biocibernética: não apenas o controle de todas as formas de vida em um equilíbrio próprio, mas também da ressurreição de formas de vida já extintas; o sonho de controle absoluto sobre a vida, reduzi-la a processos calculáveis; não apenas a conquista da morte (Frankenstein) mas a da morte de espécies através da clonagem de DNA.

Gênesis: a criação começa com o verbo.

Biocibernética: controlar os corpos com códigos, imagens com linguagem

- * Revelar e expor a ilusão da biocibernética de dominar a vida.
- * Disciplina que reconheça que a contemporaneidade é mais misteriosa do que o passado
- * Insistir na conexão entre todas as formas de vida – cibernética trabalhar em favor de valores humanos.

Showing Seeing

(Tradução: Rubens Portella. Revista Inteirín, v.1, n.1. Disponível em:
<http://interin.utp.br/index.php/vol11/article/view/154>)

- Problema enfrentado pelos estudos da cultura visual como disciplina (visual studies; visual culture)
- Prefiro ampliar o termo 'cultura visual' (visual culture) de modo a abranger tanto a área como seu conteúdo e deixar que o contexto esclareça seu significado. Também prefiro o termo por ser menos neutro que 'estudos visuais' (visual studies) e por comprometer-se, logo de início, a uma série de hipóteses que precisam ser testadas – por exemplo, que a visão é (como dizemos) uma construção cultural aprendida e cultivada e não somente concedida pela natureza; que por essa razão deve haver de algum modo, ainda que indeterminado, uma relação entre ela e a história da arte, tecnologia, media e das práticas sociais de exibição e do papel do espectador; e (finalmente), de que está profundamente envolvida com as sociedades humanas, com a ética e a política, a estética e a epistemologia de ver e ser visto.
(MITCHELL, 2005, p.337)

- Suplemento perigoso: a estética e a história da arte já se complementam. A cultura visual é secundária, suplemento, mas perigosa pela sua imprecisão.
- “[...] esta função complementar dos estudos visuais ameaça tornar-se também suplementar: primeiramente no que diz respeito a uma incompletude na coerência interna da estética e da história da arte, como se as disciplinas, de alguma forma, tivessem falhado ao se concentrar naquele que seria o ponto mais central de seus próprios domínios; segundo, pela abertura das duas disciplinas a assuntos que lhes são estranhos e que ameaçam os seus limites. Os estudos visuais ameaçam transformar a estética e a história da arte em sub-disciplinas, dentro de um campo expandido de pesquisa cujas fronteiras são imprecisas” (MITCHELL, 2005, p.339)
- O domínio dos estudos visuais abrange imagens técnicas, científicas, filmes, televisão, meios digitais, reflexões sobre epistemologia da visão, estudos semióticos de imagens e signos visuais, etc. É uma área impossível de ser delimitada.
- “Minha ideia é de que não somente os estudos visuais não são tão perigosos quanto os fizeram parecer (como por exemplo, um laboratório para elaborar matérias para a próxima fase do capitalismo globalizado), mas mesmo seus próprios defensores não têm sido especialmente hábeis em estruturar claramente suas próprias hipóteses e avaliar o impacto de seu campo emergente” (MITCHELL, 2005, p. 344)

- Falácias: cultura visual implica no fim da arte como a conhecemos; transforma a história da arte em história das imagens
- Contra-argumentos: A cultura visual encoraja reflexões sobre as diferenças entre o que é arte e o que não é, signos verbais e visuais, e a razão entre diferentes formas sensíveis e semióticas; a cultura visual não se limita ao estudo das imagens e das mídias, mas se estende a práticas diárias de visão e demonstração, especialmente aquelas que assumimos ser instantâneas ou indiretas. Está menos preocupada com os significados das imagens que com suas vidas e desejos.
- Comentário sobre 5 falácias acerca da cultura visual
 - Falácia da democracia, indistinção entre imagens de arte e não-arte
 - Falácia da "virada pictórica", dominância do visual sobre atividades do discurso verbal, escrita, textualidade e leitura
 - Falácia da modernidade técnica, hegemonia do visível, como parte da cultura ocidental e moderna
 - Falácia da mídia visual, da superioridade do visual em relação ao áudio
 - Falácia do poder, da imagem usada para propaganda e controle da massa
- Exercício "Showing seeing" (Mostrar o ver)